



## Radar Entrevista



MANOEL BEPICA

### João Peixoto

# 'A maioria dos que saem não são os jovens qualificados'

A afirmação do secretário de Estado das Comunidades, José Cesário, de que os portugueses têm estado a sair ao ritmo de 100 mil por ano pode ser claramente exagerada. Ou pelo menos ser uma soma de parcelas que dificilmente deveriam estar juntas. Este investigador explica porque

POR EMÍLIA CAETANO

#### É possível saber quantos portugueses estão a deixar o País?

Nem eu nem ninguém tem esse dado com rigor. Seria preciso ver quais foram os tipos de saída, se por seis meses, um ano ou para a vida. E muitos dos números publicados misturam tudo. Os mais elevados apontam para 100 a 125 mil. Mas o INE faz um estudo indo às habitações, para saber quem se ausentou, em princípio, por mais de um ano, e os dados de 2010 revelavam 30 mil.

A emigração mudou de perfil há 20 ou 30 anos. O emigrante dos anos 60, que saía para a vida, diminuiu de número. Agora temos movimentos mais circulares, como se constata desde o caso da Suíça.

#### A Suíça porque?

Foi um ponto de viragem. O período «clássico» da emigração tinha sido o dos anos 60, princípio dos 70, sobretudo para a Europa, com destaque para França. Havia empregos para a vida do lado de lá.

#### B.I.

##### SOCIÓLOGO E DOCENTE

Membro do Conselho Científico do Observatório da Emigração, 54 anos, é investigador do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Doutorado em Sociologia Económica, especializou-se em Sociologia das Migrações. Tem numerosos trabalhos publicados e participação em diversas conferências nesta área.

Aí sim, pode falar-se de êxodo. Eram pessoas pouco qualificadas, das zonas rurais.

Nos anos 70 deu-se o choque petrolífero e os países deixaram de importar tanta mão de obra. E como Portugal começou a modernizar-se, registou-se uma quebra nas saídas. Até que, em meados da década de 1980, recomeçaram, com a emigração para a Suíça, que já era mais escolarizada.

Mais tarde outros foram para a Alemanha, trabalhar nas obras da reunificação. Seguiu-se uma vaga para Espanha, durante a bolha imobiliária. Hoje receamos que a emigração da mala de cartão se torne a da mala de executivo, mas acho grande exagero.

#### O fenómeno novo é a saída dos mais qualificados.

Já a vaga de saídas para a Suíça era mais escolarizada, porque o País entretanto estava todo mais escolarizado. E, hoje, como não há de a emigração ser mais qualificada, se um em cada três jovens entre os 20 e os 22 anos está envolvido no ensino superior?

Mas o perfil do emigrante médio não é licenciado nem vive em grandes cidades. No Norte houve regiões onde fecharam empresas de têxteis, de calçado e de construção civil. Para onde foram essas pessoas todas? Muitas não encontraram lugar cá, certamente.

#### A maioria dos que saem não são qualificados?

Absolutamente. É verdade que há cada vez mais jovens licenciados a partirem, mas não são a maioria. Muitos outros, com menos voz, têm saído sem serem tão notados. Hoje receia-se também a fuga de cérebros, mas até há pouco tempo não tínhamos esse problema. Desde os anos 70 que muitos saíram para fazer doutoramentos, mas frequentemente voltavam.

#### Esses iam formar-se, e não emigrar.

E a política científica dos últimos dez anos tem sido tentar que muitos deles regressem. Nos laboratórios onde alguns estavam, nos EUA por exemplo, tinham perspectivas de uma carreira média, enquanto aqui se lhes oferecia uma excelente. E muitos voltaram. Assim como atraímos bons cientistas estrangeiros.

Com a crise atual há, de facto, motivos de preocupação. As universidades debatem-se com problemas de financiamento e quem está fora receia voltar. Além de podermos perder quem já cá está. Em Portugal a investigação é muito feita pelo Estado. E, excetu-



ando algumas fundações, que criaram polos de excelência, o Estado tem conseguido atrair os melhores investigadores. Só que muitos deles têm contratos de cinco anos, que estão sem garantias de ver renovados. Se não forem afetados recursos às instituições mais essenciais, entramos num plano inclinado difícil de reverter.

#### Com que consequências demográficas e económicas?

Temos os mesmos problemas demográficos dos outros países: envelhecimento populacional, baixa natalidade, problemas para pagar pensões no futuro. Mas hoje já corremos um risco novo. Até há dez anos tínhamos um saldo migratório positivo, entrava mais gente do que saía. O pico deu-se na viragem do século XX para o XXI. Hoje, estamos a atrair menos estrangeiros, e menos qualificados, ao mesmo tempo que muitos imigrantes que cá viviam estão a partir e muitos portugueses são empurrados para fora. Já sabíamos o que eram zonas demográfica e economicamente deprimidas no interior. Mas nunca tínhamos visto isto à escala do País!

Em termos demográficos, interessa que entrem mais do que saem. Em termos económicos há que reter os mais qualificados, os que não se limitam a trabalhar barato. Quando são esses que estamos a perder, demograficamente é um prejuízo e economicamente pode ser uma tragédia.

#### Os jovens qualificados que saem que tipo de empregos estão a encontrar lá fora?

A resposta rigorosa é que não sei, sobretudo porque desde há 20 ou 30 anos quase ninguém está a estudar a emigração. Creio que a Academia sofreu da mesma ilusão que o resto da sociedade. Como o País estava a desenvolver-se, achámos que passávamos a ter os problemas dos países desenvolvidos: a entrada de estrangeiros e não a saída dos nacionais.

**É verdade que nem sequer havia financiamento de projetos sobre emigração?**  
Acontecia quase naturalmente. Houve



## Nos anos 60 e 70, fomos recordistas mundiais das migrações. Nenhum outro país conseguiu o mesmo em tempo de paz

grande curiosidade da parte dos investigadores pelo que era novo: a chegada dos europeus de Leste, a integração dos jovens, os africanos, a coexistência das religiões, etc. Poucos se interessavam pela velha emigração que, pensava-se, ia acabar.

Mas é verdade que os que tinham alguns projetos não foram afortunados. Fiz parte da equipa de Maria Ioannis Baganha, uma das nossas maiores investigadoras sociais, que há sete ou oito anos liderou projetos que foram recusados. E um dos argumentos era a menor relevância social do tema.

#### Não era a imagem em que o País se revia.

Nem a que tinham de nós lá fora. Os júris que avaliam os projetos são estrangeiros.

#### Mas qual é a situação dos que saíram?

Parece ser muito heterogénea. O Reino Unido é um exemplo de saídas que correram bem. Antes de mais, tem sido o país europeu que mais oportunidades de trabalho deu nos últimos 20 anos, sobretudo para tarefas «tradicionais» de imigrante, como seja apanhar fruta ou embalar sanduíches. E muitos portugueses, com baixas e com altas qualificações, têm feito isso. Ao mesmo tempo possui um mercado financeiro

vibrante, que tem atraído muito jovens portugueses qualificados, percentualmente muito mais do que o Luxemburgo ou França. Em Angola e no Brasil, creio que muitos encontraram trabalhos compatíveis.

#### Até agora, no entanto, as elites só saíram para estudar.

Também aqui há um aspeto novo. Nunca tivemos o êxodo das elites. Partiam os que genuinamente precisavam. Mas há algum tempo, e sem ter a ver com esta crise, começaram a sair, digamos, os filhos das elites. Isso sentiu-se no mundo dos negócios, sobretudo desde a integração europeia, quando as multinacionais passaram a ter sedes para a Península, sempre em Espanha. E Portugal começou a ser pequeno para as carreiras que muitos ambicionavam. Tornámo-nos um periferia menos atraente.

Mas nem todas as periferias têm de ser pobres. Há periferias pobres no Sul da Itália e ricas na Finlândia. Que tipo de periferia queremos ser é o que vai decidir-se nos próximos cinco anos.

#### Conseguimos integrar os «retornados» num período de convulsão. Porque está esta crise a expulsar os residentes?

O que nos pode dar algum otimismo é termos conseguido adaptar-nos a crises gigantescas. Nos anos 60 e 70, fomos recordistas mundiais em migrações. Praticamente nenhum outro país em tempo de paz teve tanta gente a sair e a entrar. Partiu um milhão de portugueses, um décimo da população. Depois, vieram os 500 mil a 600 mil «retornados». Até ver, não creio que estejamos perto de um fenómeno da mesma dimensão. Mesmo que tenham saído os tais 100 mil, muitos voltarão. Já não há o Brasil de antigamente nem a França dos anos 60, com empregos para a vida. E quanto aos estrangeiros, ainda que só no caso dos ucranianos já tenha partido um quarto a um terço dos que vieram, muitos dos que ficaram chamam as famílias. Honestamente, não acredito que, dentro de dez anos, vamos estar a dizer que lá perdemos outro milhão de portugueses!